

A poética feminista nos cordéis de Salete Maria da Silva

The feminist poetics of Salete Maria da Silva

Edcarla Barboza¹ , Cleyton Andrade¹ 

¹Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil

RESUMO

Este estudo propõe discutir o feminismo no cordel, na obra de Salete Maria da Silva, compreendendo sua transformação neste universo literário. Foi realizado um levantamento bibliográfico, leitura e sistematização crítica da obra da cordelista e de comentadores. Identifica-se que o feminismo é um tema central na obra de Salete, que expõe sua indignação diante de uma sociedade opressora, além de demonstrar o atravessamento do cordel em sua vida pessoal. Salete propõe uma mudança do pensamento e fazer cordelístico, elaborando um posicionamento subversivo, que contribui com a visibilidade do poder criativo de outras mulheres cordelistas, por muito tempo silenciadas. Sua obra possibilita uma transformação na história do cordel, que se encontra em permanente construção.

Palavras-chave: Cordel; Feminismo; Poesia

ABSTRACT

This article aims operate a Benjaminian interpretation of the novel *Torto arado*, written by Itamar Vieira Júnior in 2018, through the conceptions of time and history of the German thinker formulated in his theses "On the Concept of History" (2005). Itamar Vieira Júnior's narrative dramatizes the history of Brazil, specifically its slaveholding past, from the perspective of the vanquished, in a movement of historical reflection against the official and triumphant narratives. In *Torto arado* (2018), the historical and temporal structures related to the past and the present coexist and are juxtaposed, an element of fictional creation in line with the reflections of Walter Benjamin. Thus, the novel studied destabilizes the traditional notions of succession of time and historical progress by creating a narrative that takes place in current times, but that establishes links with our slaveholding past, evidencing the permanence of its operators of exploitation and its intrinsic violence.

Keywords: Cordel; Feminism; Poetry

1 INTRODUÇÃO

Mulher-consciência, nem violência e nem opressão, publicado em 1994, é o primeiro cordel feminista de Salete Maria da Silva, esta que há mais de 20 anos, se dedica às temáticas sobre os direitos das mulheres, estudos de Gênero e Diversidade. Do Cariri para o Brasil, a autora manifesta sua indignação e lança mão da poesia popular como ato frente à barbárie sofrida pelas mulheres, denunciando uma sociedade opressora e patriarcal.

Em *Feminismo em cordel: como foi que começou?* de 2015, Salete Maria conta a motivação que a levou ao mundo do cordel, destacando a relação pessoal e afetiva que adquiriu com essa poesia popular, ao tempo em que revela o lugar que o cordel assume ao adentrar as casas do sertão nordestino, onde a aridez transcende o âmbito geográfico. Em seus versos, fica explícita a relação significativa que sua família, mesmo diante da predominância do analfabetismo, mantinha com a poesia de cordel.

Eu nasci numa família
Onde o cordel era rei
Pois meu clã analfabeto
Tinha um baú repleto
E declamar era lei¹

Muitos de seus cordéis são escritos em primeira pessoa, denotando uma escrita que imprime uma vivência, além de relações familiares e lembranças de infância. Para Salete, sua condição nativa, nordestina, favorece uma escrita que imprime um lugar de resistência e que deve ser ouvida.

Embora tenha nascido em São Paulo, a cordelista identifica-se com suas raízes sertanejas cearenses, ressaltando o lugar desprivilegiado e periférico dessa região, perante a sociedade. Seu saber, escrita e voz, assim como de outras mulheres poetisas, oriundas do sertão nordestino, necessitam ocupar espaços sociais, serem lidas e ouvidas, “não apenas como conhecimento, mas como autoconhecimento, já que, no

¹ *Feminismo em cordel: como foi que começou?* (2015).

dizer de Conceição Evaristo (2006), nossas escritas são, antes de tudo, escrevivências” (Silva, 2020, p. 179).

Nessa direção, considerando a potência transformadora da obra feminista e cordelista de Salete Maria da Silva, propomos, discutir o feminismo no cordel, identificando o lugar da mulher poetisa, em uma literatura eminentemente masculina, além de compreender como a obra de Salete incide e transforma não só o universo literário, como outros espaços por onde circula.

ESCRITA FEMININA E FEMINISTA

Para além do cordel, Salete percorre outras searas, como a acadêmica, na Universidade Federal da Bahia, no campo de Estudos de Gênero e Diversidade, problematizando o que denomina como cegueira de gênero na doutrina constitucional brasileira, ao tempo em que propõe uma iniciativa em torno dos estudos constitucionais, no campo do feminismo jurídico. Seu trabalho se destaca por uma iniciativa histórica e geográfica, que fura um saber universal e masculinista, sobretudo no Nordeste brasileiro.

Além disso, a cordelista possui uma vasta e significativa passagem no campo do direito, sobretudo pelo Curso de Direito da Universidade Regional do Cariri. Como advogada, atuou na defesa de mulheres e no campo dos estudos de gênero, com foco em pessoas vítimas de violência. Elaborou um alvará judicial em forma de cordel, em 1999, com título *Cordel-Alvará Judicial*. Segue abaixo alguns fragmentos:

Excelência, o requerente
Nesta presente ação
Roga por atendimento
E vem por ocasião
De estar desempregado
Vivendo à míngua, sem pão
[...]
O seu FGTS
Que a CAIXA está a guardar

Soma uma quantia pouca
Mas que pode lhe ajudar
Só que o gerente disse:
"Somente com alvará"
[...]
ISTO DITO, Magnífico
O resto é pra requerer
E sendo acaso preciso
Dê-se vista ao M.P.
E se apondo "conclusos"
Basta Justiça fazer

Havia também por parte de Salete (2016) um olhar atento sobre o feminismo jurídico, de tal maneira que ela faz do Habeas Corpus um *Hábeas Bocas, companheiras*, expondo a subjugação sofrida por mulheres advogadas no âmbito do direito, convocando-as para a luta, para um posicionamento de resistência, que pudesse provocar uma transformação no cenário normativo e masculinista, do qual a mulher segue vítima.

Em seu artigo *Constitucionalismo feminista: visibilizando autorias e produções científicas nordestinas*, de 2020, Salete chama atenção para invisibilidade de autoras nordestinas, que apresentam produção pioneira na temática sobre feminismo jurídico, porém são, em geral, silenciadas, suas produções não ganham visibilidade ou reconhecimento dentro do campo jurídico, se comparadas às de autoras não nordestinas. Tal fato denuncia um movimento de silenciamento, orquestrado por uma racionalidade marcadamente masculinista e eurocêntrica, que exclui a mulher em diversos âmbitos, pelo gênero, cor, raça e etnia.

Nessa direção, Lemaire (2017a), em referência direta à arqueologia do saber foucaultiana, expõe que a racionalidade organiza e determina direta ou indiretamente o que será reconhecido ou excluído dessa historiografia oficial. Assim, os textos femininos sofrem um processo consciente e radicalmente perverso de mutilação e desterritorialização, sobretudo os posicionamentos radicais, não convencionais

e inéditos das mulheres. Estes são ligeiramente ora recusados, ora transformados, submetidos a um enquadramento masculinista.

Assim, seja no campo jurídico, poético ou universitário, Salete visa, como ela própria nos diz, “superar silêncios, omissões e indiferenças, bem como promover visibilidade do que se produz no Nordeste” (Silva, 2020, p. 191). Sua escrita subverte um sistema que hierarquiza saberes, considerando a marca de uma poética marginal que o cordel carrega e que se produz em oposição a uma sociedade global, mas sempre relacionado a ela e aos seus valores.

Mesmo diante das amarras, que historicamente o aprisionam como uma manifestação folclórica, marginalizada, a partir de uma visão excludente de poesia do povo (Fonseca, 2019), o cordel “avança e se vanguardiza no sentido de proceder constantemente a um processo de crítica a esta sociedade, mesmo sem o pretender, conscientemente”, aponta Ferreira (2016, p. 42). Logo, a dupla subversão de Salete rompe tanto com um sistema literário canônico, quanto com o universal masculinista, que se desenha expressamente dentro do próprio universo cordelístico.

Sendo uma escrita feminina e feminista, tem ela sua inspiração e destinatária principal, qual seja, sua avó. De nome Maria José, para Salete, que expressa em seus cordéis (2015), sua avó foi seu símbolo feminino e, lhe apresentou a poesia nordestina e sertaneja, ensinou sobre a potência circunscrita ao cordel:

E eu amava essa avó
De nome Maria José
Que além de encantadora
Era uma pessoa de fé
Que me ensinava a ler
Mesmo sem ela saber
Como se escreve mulher

Salete era intimada por sua avó às leituras de cordéis, assim como os escassos leitores do sertão, no tempo em que se reuniam em círculo para a leitura coletiva em

família, nos raros momentos de lazer que a lida permitia. Lendo e recitando em voz alta para sua avó, ambas se viram capturadas. Maria José, por sua vez, fiel escutadora, não só decorava os versos e os declamava, mas informalmente também produzia.

Boa parte dos temas presentes nos cordéis de Salete e de muitos poetas versam sobre o cotidiano. O povo parece ser capturado pela repetição de temas que atravessam suas vidas, seus valores e crenças da comunidade. De acordo com Luciano (202), “o cordel estava destinado a compartilhar a visão poética e existencial do homem nordestino e a dialogar com as visões locais, trocando experiências e se fortalecendo como expressão literária legítima” (Luciano, 2015, p. 4-5).

De alguma forma, o cordel renuncia ao aspecto maravilhoso, fantasioso e se vale do que, para ele, se apresenta como necessário, a dimensão concreta. Isto torna próximo o mundo real, a experiência e, é desta maneira que a poesia afeta ativamente o leitor/ouvinte, priorizando a comunicação mais intensa (Ferreira, 2016),

Neste cotidiano e nas repetições que aparecem nos versos de cordel, Salete foi aos poucos percebendo não só uma hegemonia masculina, mas a predominância de temáticas machistas, racistas, de cunho excludente e humilhante com mulheres, negros, homossexuais e demais minorias:

Eu era muito criança
E sentava ali no chão
Rodeada de folhetos
De história de lampião
De soldado e imperador
De santo e de doutor
Só tinha homem então²

Considerando que boa parte desta literatura popular ganha espaço e recepção no sertão nordestino, é preciso ressaltar que neste espaço geográfico e cultural a honra e a valentia possuem um lugar de destaque. O contexto cultural, os valores, a

² *Feminismo em cordel: como foi que começou?* (2015).

moralidade e as condições áridas desta região “faziam com quem o homem precisasse, desde pequeno, aprender a ser ‘macho’ para sobreviver, ser valorizado e respeitado em seu meio”, afirma Potier (2012, p. 31).

Assim, a masculinidade é realçada e incentivada, denotando força e valentia, de tal maneira que as mulheres que optam por encarnar esta performance masculina são, por vezes, denominadas “mulher macho”, que a qualifica com o significante de alguém valente, que merece respeito. As demais têm suas vidas reduzidas ao imperativo da honra sexual, preservando o lugar da mulher submetida à proteção ou valentia do homem, este, carrega o fardo do sertanejo vigoroso, forte, que tem a missão de defender e vingar a dama (Potier, 2012).

Usando, muitas vezes, de sua habilidade e mais extrema violência para combater o mal, ao homem é resguardado elementos estereotipados que reforçam aquilo que se apresenta como inquestionável no sertão, a honra e a moralidade (Potier, 2012). Desse modo, diante desse imaginário e racionalidade, à mulher não cabia o lugar de escritora. Não havia, por sua parte, participação mínima que fosse no espaço público, principalmente, até metade do século XX.

A presença da mulher fora suprimida do mundo do cordel, uma vez que, ademais, a produção e circulação dos folhetos de cordel dependia do próprio cordelista, e de sua disponibilidade para cantar e andar nas feiras vendendo os folhetos. Por sua vez, à mulher, limitada ao ambiente doméstico, eram reservadas as contações de histórias, contos de encantamento, romances, cantigas, rezas e simpatias (Lemaire, 2020).

As performances desses cantos femininos aconteciam dentro das casas, nos terreiros, sempre sob a supervisão de alguma figura masculina, pai, marido, irmão, que prescrevia o que era ou não de bom tom estar nas bocas das mulheres (Santos, 2009; Lemaire, 2020).

A utilização de uma linguagem mais vulgar, inclusive, presente na obra de Salete Maria da Silva, subverte até essa censura dirigida ao que pode ou não ser dito por uma mulher. É pertinente ressaltar que, no caso desta cordelista, seu cargo de professora

lhe deu a possibilidade e oportunidade de reivindicar e fazer uso desse lugar, algo distante da realidade da maioria das mulheres nordestinas e sertanejas.

Muitas vezes era tida
Como musa inspiradora
Aquele de cuja vida
Tinha que ser sofredora
Era mãe zelosa e pura
Qual sublime criatura
Porém não era escritora
[...]
De sua cria cuidando
Cosendo calça e camisa
Para o homem cozinhando
Como vir ser poetisa?
Isto era coisa para macho
Até hoje ainda acho
Gente que assim profetiza³

Controlados por grupos eminentemente masculinos, os cordéis passaram a ser avaliados a partir de critérios de qualificação, nos quais aqueles que não correspondiam ao modelo exigido, era excluído e marginalizado. Não é à toa a inexistência de mulheres cordelistas nos catálogos e antologias da Casa Rui Barbosa. “Teorizada, na tradição alheia de *Homo sapiens* humanista, a cultura do folheto só podia ser exclusivamente masculina” (Lemaire, 2020, p. 4).

FEMINISMO, MULHER E CORDEL

Em 2009, Francisca Santos, conhecida como Fanka Santos, defendeu uma tese de doutoramento, que foi decisiva para a produção de um catálogo das mulheres de cordel, denominado *Livro Delas: catálogo de autoria feminina no cordel e na cantoria nordestina*. O catálogo reúne os folhetos de 264 mulheres cordelistas, revelando provas
³ *Mulher também faz cordel* (2008).

documentais da existência das vozes de autoria feminina, assim como o percurso de quase duas décadas de uma historiografia feminina, no universo do cordel e do repente no Nordeste do Brasil.

Ou seja, o catálogo de Fanka revela ao mundo uma história de produção feminina, que fora silenciada pela historiografia oficial. Seu trabalho permite criar bases científicas para a inscrição dessas vozes femininas, que cantam e publicam, na historiografia do mundo da poesia nordestina, seja ela oral ou em folheto. Tal como estabeleceu Lemaire (2020, p. 06), “é urgente repensar o cordel e a cantoria para além do discurso oficial nacionalista, euro, *scripto* e androcêntrico brasileiro e propor novas *epistemes* para sua releitura crítica”.

Desse modo, esse catálogo convida à desconstrução de pressupostos disseminados acerca do universo masculino do cordel, além de questionar uma visão ocidental e dicotômica acerca da questão do gênero. Ressalta-se ainda que não se trata da inauguração de obras inéditas de mulheres, o catálogo traz à tona a produção já existente de inúmeras mulheres poetisas, que sempre produziram como poetas e cantadoras e que chegavam até a publicar, porém não identificavam sua autoria.

Muitas dessas produções de mulheres, como forma de atender à recepção literária, eram assinadas pelos seus maridos ou pais, outras acabaram adotando o pseudônimo masculino, como no famoso exemplo da poetisa Maria das Neves Pimentel. Para publicar e conseguir vender seus folhetos, resguardando-se do machismo que imperava no meio cordelista, Maria das Neves Pimentel adotou o pseudônimo Altino Alagoano, em referência ao alagoano Altino Pimentel, seu esposo.

Altino Pimentel, ao perceber o rico potencial artístico que arregava sua esposa, passou a motivar o uso do pseudônimo masculino, seu prenome, para que os cordéis pudessem ter alcance do público, embora ele mesmo nunca tenha escrito um só verso. Salete Maria da Silva narra o acontecimento.

A Batista Pimentel
Com prenome Maria
Não assinou o cordel
Como a história merecia
Mas que destino tirano
Um Altino Alagoano
Era quem subscrevia

Pseudônimo usou
Para a obra ser aceita
O marido orientou: 'Assim tudo se ajeita'
Tava pronto pra vender
Quem poderia dizer
Ser o autor a sujeita?⁴

Maria das Neves era filha do grande cordelista Francisco das Chagas Batista e guardava a linhagem de poetas cantadores, trovadores e repentistas. Trabalhou ainda com vendas de cordel antes de memorizar e se apropriar com perfeição da métrica cordelística. Aos 19 anos, já casada, descobre-se cordelista, sua adaptação da obra clássica *O Corcunda de Notre Dame*, para Luciano (2020), metaforiza sua condição de mulher aprisionada e invisível para o mundo.

(...) a história do homem deformado, o maltrapilho, aprisionado nas torres da formosa igreja, invisível para o mundo, mas desejoso de realizar-se socialmente, individualmente, inclusive no amor, era a metáfora para a sua condição de mulher, escrevendo histórias na sintaxe do cordel, sintaxe tão rígida quanto as normas sociais que lhe ceifariam a possibilidade de assinar seu próprio nome, em sua própria obra (Luciano, 2020, p. 13).

Assim como Maria das Neves Pimentel, muitas mulheres foram e são submetidas e silenciadas por esse tipo de racionalidade opressora, por uma visão de mundo que

⁴ Idem

se diz universal e verdadeira e que atua, conforme aponta Lemaire (2020), lançando mão de uma estratégia discursiva, qualificada como perversa. A história da autoria feminina, sobretudo, e é esta que nos interessa aqui, de mulheres cordelistas, é atravessada por essa imposição de poder e de apropriação do saber poético, aplicada desde sempre pelo patriarcado.

É a esta estratégia perversa que se opõe toda a obra e trabalho de Salete Maria da Silva, convocando a um despertar da consciência política, ao tempo em que confere visibilidade para as camadas subalternizadas e negligenciadas por um sistema que determina lugares sociais e literários (Oliveira e Correia, 2019). Além disso, seu posicionamento autoral pode ser analisado mediante o conceito de artevismo, trazido do mundo da cultura urbana, pela própria cordelista, para caracterizar sua obra. Artevismo designa, de modo geral, o entrelaçamento entre arte e ativismo político.

Arriscamos aqui, de forma breve, uma aproximação da obra de Salete Maria da Silva com a descoberta de Lemaire (2017b) sobre uma riquíssima tradição de poesia cantada feminina na região da Galícia. As mulheres galegas seriam poetas e músicas, pois elas mesmas compunham e criavam os tons de sua declamação. Tanto em prosa quanto em poesia, essas mulheres reivindicam um lugar para as suas produções, um eu-lírico feminino que permitisse deslocamentos de lugares de poder.

As mulheres com os seus cantares galegos produzem marcas históricas e culturais naquela região, a partir de “uma poesia oral, performática, destacadamente feminina, que dialoga com diversas possibilidades técnicas, que pode falar de temas políticos, de sentimentos, assuntos cômicos, infantis”, confirma Fonseca (2019, p. 119).

Tal como a poesia galega, no Nordeste, com Salete, a construção literária e artística denuncia lugares, que alimentam discursos segregacionistas, sexistas e patriarcais, ao mesmo tempo em que provoca o leitor e leitora, reivindicando uma posição social de indignação frente aos referidos espaços. Vale destacar aqui que, embora tenha sido proposto uma aproximação do cordel de Salete Maria com a poesia oral galega feminina, o objetivo foi destacar o lugar e produção política e subversiva

que unem ambas as poesias, diferentemente de propor uma aproximação entre o cordel e oralidade. Essa problemática, por sua vez, exige uma dedicação à parte, que não nos deteremos neste texto.

Visto isso, compreendemos que, embora os versos de Salete Maria da Silva tenham sofrido uma série ataques dentro do próprio mundo do cordel, por subvertê-lo, ele cumpre com o intento da literatura popular, que se apresenta como uma cultura ao revés (Bakhtin, 1987), marcada pelo caráter democrático e em oposição à historiografia oficial. Ou seja, a sabedoria do poeta popular expressa “uma ideologia que acorda, discorda ou reabilita [...] condiciona sempre a imperativos, aquilo que ele pretende que seja o alcance de sua mensagem junto a um público” (Ferreira, 2016, p. 94).

Neste sentido, ao proferir que lugar de mulher é em todo lugar, sobretudo em um espaço como o cordel, Salete perturba uma dada ordem sobre os sexos, tão marcadamente engessada nesse universo nordestino e poético, invocando as mulheres a assumirem e se reconhecerem fora dos espaços balizados por esse outro (Oliveira & Correia, 2019).

Lugar de mulher é sauna
Capela, bonde, motel
Lugar de mulher é fauna
Terreiro, campus, quartel
Lugar de mulher é casa
Seja na Faixa de Gaza
Ou no Morro do Borel⁵

Concordamos, portanto, com Fanka Santos (2020), quando ela nos aponta sobre a importância e necessidade de elaborar uma outra historiografia, para dar conta da presença e da autoria feminina, não só no cordel, mas no universo literário, uma vez que, conforme Salete já nos revelou, a mulher excede ao que se coloca como universal. “Do meu ângulo obtuso/Num canto da camarinha/Afrouxo um parafuso/Liberto uma andorinha/

⁵ *Lugar de mulher* (2009).

Desmancho uma estrutura/Arranco uma fechadura/Desmonto uma ladainha” (Silva, 2009).

Parece ser nesse horizonte que Lugones (2014) também indica onde devemos residir, ou seja, sob uma forma de aprendizado mútuo, expandindo e aperfeiçoando práticas e teorias de mulheres que contribuíram e contribuem com o processo de libertação e emancipação. Lugones marca aquilo que intitula como “ética de coalizão-em-processo” (Lugones, 2014, p. 949). Isto é, trata-se de uma lógica em ruptura com o regime do poder, em que a coalizão marca e reafirma o ponto da diferença colonial.

Dizendo de uma outra forma, apoiando-se na teorização de Brah e Phoenix (2017), acerca do debate sobre interseccionalidade, considera-se que a coexistência de fatores múltiplos, como o econômico, político, cultural, físico, subjetivo e experiencial são imprescindíveis para interrogar e desconstruir concepções universais e normativas. Essa ideia é chave na agenda feminista e na trajetória cordelística de Salete, considerando-a como uma política de coalizão, a qual questiona e coloca em cena a intersecção gênero-étnico-racial, sua potência e efeito radical no feminismo decolonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da tentativa de apagamento e silenciamento das vozes femininas e feministas, Salete Maria da Silva encontra no universo do cordel espaço para imprimir sua história, seu posicionamento político e crítico, de forma a estimular rupturas, subversão e desconstruções de lugares normativos e opressores. Sua obra nos revela uma transformação de silenciamentos em material de linguagem poética, assim como, a abertura para a produção de saberes plurais, democráticos, poéticos ou não, nos mais variados espaços e regiões do país.

Se, por muito tempo, o cordel serviu ao imperativo patriarcal, que materializava no verso ideais moralistas e sexistas, delimitando lugares e hierarquias, hoje, o cordel se revela como dispositivo possível para a construção de uma nova historiografia. Como um acontecimento, a obra de Salete (2008) nos ensina que o cordel

Que o povo tanto aprecia
Do singelo menestrel
À mais nobre academia
Do macho foi monopólio
Do europeu foi espólio
Do nordestino alforria

Por fim, consideramos que a grandeza da poesia de cordel, que se imprime na obra e trajetória de Salete, possibilite abertura e apropriação de lugares, outrora silenciados. Depreende-se, ademais, que há muitos elementos necessários e possíveis de serem explorados nos versos desta cordelista, que, como toda arte, são inesgotáveis.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rebelais. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BRAH, A.; PHOENIX, A. Não sou uma mulher? Revisitando a interseccionalidade. In: BRANDÃO, I.; CAVALCANTI, I.; COSTA, CL. L.; LIMA, A. C. A. (Orgs.). **Traduções da Cultura**: Perspectivas Críticas Feministas. (Tradução de Claudia Santos Mayer e Matias Corbett Garcez). Florianópolis: Editora da UFSC, 2017, p. 661-752.

FERREIRA, J. P. **Cavalaria em Cordel**: o passo das Águas Mortas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

FONSECA, M. G. **Novelo de verso**: fios de memória, tradição e performance tecendo a poesia de cordel. 2019. 229 f. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

LEMAIRE, R. Tradições que se refazem. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília. n. 35, p. 17-30, dez., 2017a.

LEMAIRE, R. O cancionero das donas às cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 49, p. 213-227, jan./jun., 2017b.

LEMAIRE, R. Vozes de mulheres no território do cordel e da cantoria. **Capa**, v. 15, n. 30, dez., 2020.

LUCIANO, A. **O caso de Altino Alagoano**: um roteiro para o cordel brasileiro. Correio das Artes: João Pessoa, 2015.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set., 2014.

OLIVEIRA, A. C. S.; CORREIA, M. G. M. Espaços em perspectiva no cordel de Salete Maria da Silva. In: **Anais da VII ornada Internacional de Estudos sobre o Espaço Literário**. 7, 2019, Teresina. Espaço e poesia. UFPI-UESP-UEMA. Teresina, 2019, p. 109-115.

POTIER, R. W. **O sertão virou verso, o verso virou sertão**: sertão e sertanejos representados e ressignificados pela literatura de cordel (1900-1940). 2012. 284f. Dissertação. (Pós-Graduação em História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SANTOS, V. M. Estratégias de (in)visibilidade feminina no universo do cordel. In: **V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia, 2009.

SANTOS, F. P. O livro delas: autoria feminina no cordel, cantoria e gravura. **Interdisciplinar**. Universidade Federal de Sergipe, v. 33, p. 218-230, jun., 2020.

SANTOS, F. P. **O Livro delas: catálogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestina**. Fortaleza: IMEC, 2021.

SILVA, S. M. Mulher-consciência, nem violência e nem opressão. (1994). **Cordelirando**. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com/2009/01/os-numeros-de-violencia-tem-crescido.html> Acesso em: 25, outubro, 2022.

SILVA, S. M. Cordel-Alvará Judicial. (1999). **Cordelirando**. Disponível em: <https://cordelirando.blogspot.com/search?q=alvar%C3%A1>. Acesso em 19 de setembro de 2023.

SILVA, S. M. Mulher também faz cordel (2008). **Cordelirando**. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com/2008/08/mulher-tambm-faz-cordel.html> Acesso em 19 de setembro de 2023.

SILVA, S. M. Lugar de mulher (2009). **Cordelirando**. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com/2009/02/lugar-de-mulher.html> Acesso em 19 de setembro de 2023.

SILVA, S. M. Feminismo em cordel: como foi que tudo começou? (2015). **Cordelirando**. Disponível em: Salete Maria - Cordelirando...: FEMINISMO EM CORDEL: como foi que começou?. Acesso em 19 de setembro de 2023.

SILVA, S. M. Habeas bocas, companheiras! (2016). **Cordelirando**. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com/2016/03/mulheres-advogadas-habeas-bocas.html> Acesso em: 19, setembro, 2023.

SILVA, S. M. Constitucionalismo feminista: visibilizando autorias e produções científicas nordestinas. **Interfaces Científicas**. Aracaju, v.8, n.2, p. 176 – 197, jun., 2020.

Contribuição de autoria

1 – Edcarla Barboza

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9621-8906> • edcarlamelissa@hotmail.com

Contribuição: Conceituação, escrita - primeira redação, escrita - revisão e edição

2 – Cleyton Andrade

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-1515-6959> • cleyton.andrade@ip.ufal.br

Contribuição: Conceituação, escrita - primeira redação, escrita - revisão e edição

Como citar este artigo

BARBOZA, E.; ANDRADE, C. A poética feminista nos cordéis de Salete Maria da Silva. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 43, 2024. DOI: 10.5902/1679849X85132. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/85132>.